

ESCRITORIO E REDACÇÃO

N. 11

TRAVESSA DO OVIDOR

ANDARAÍ

Numero avulso

100 réis

O Rio-Nú

PERIÓDICO BI-SEMANAL

CAUSTICO

JMORHISTICO

13 quattris e sabbados

Numero atrasado 300 réis

COLLABORADORES

Lunabelino, Le Petit, Reporter, Cyrano da Bergenc, Anjotelopes, Fort Migão, Marietta, Aliverti, Lucas Tavares, Frei K. Baço, Chico Bota, Gil Bilontra, Ricaneur, Julião Valdemar, Conrado Sabino, Dona-Fina, Gregorio Junior, Lavaredo, Vito-zé-mé, Theresza a Casta, P-a-na Santa Justa, Vosso Criado Mathias.

DIRECCÃO

Hektor Quintanilha, Gil Moreno
• Vaz Simão

ASSIGNATURAS PARA A CAPITAL E ESTADOS

Anno	1898
Sem mezes	63000
Extrangeiro anno	95800

TERCEIRO CONCURSO

Resolvemos abrir permanentemente um concurso (quintanal) para trabalhos em verso e trabalhos em prosa. Os trabalhos em prosa, nunca devem exceder um maximo de oitenta linhas sem ser laboriosos e quarenta. Os em verso um maximo de sessenta e tres milhas de versos. Os apertores das dotes trabalharão classificadas em primeiro lugar pelo seu espirito, (um em prosa e outro em verso) tendo um premio de

Vinte mil réis

Todos os originaes devem ser assignados com um pseudonymo e n'um envelope fechado, a parte, acompanhados — a tina de declaração de pseudonymo, do verdadeiro nome do autor, residência, e do titulo do trabalho, na parte exterior do envelope. Os trabalhos publicavos só-ão a propósito que foram chegando, sendo estritamente respeitadas os envelopes que trouzermos as declarações politicas, e que só serão abertos uma vez terminada a publicação dos trabalhos. Concedendo o publico o valor destes dois bom quanto não, poderá verificar a justiça com que procedermos na classificação. Assim, nos abeto o terceiro concurso que será a serada no dia 30, ultimo marcado pelo Jury para recepção dos originaes. Para collaboradores dos Estados serão respeitadas as datas dos cartuchos do cartucho.

COLUMNA POLITICA

Ha muito tempo que eu não appareço por estas columnas e com certeza que já me julgavam morto; mas, não, eu estou vivo e muito vivo, não sei si na memoria de todos, mas pelo menos recentemente. Agora, porém, que eu vejo que as coisas não andam direitas lá pela Italia, venho lançar o meu protestinho d'aqui. Imaginem que pela patria do Dante e de Petrarca sustentam os impostos sobre os grãos extrangeiros, sem do nem piedade, como si se tratasse da coisa mais innocente deste mundo. E eu protesto porque não sou italiano e vejam lá que risco eu corro si me lembro um dia de ir passar por casa paiz, como qualquer capitalista feliz! Imaginem! Que sustos eu não teria de gramar, que sustos anorões eu não teria de apagar!... E tu leitor amigo e tu leitor que não tens pretensões a tenor, em a ter boa voz, como ficarias assustado tendo de ir para lá, para a Italia?

E o que fica ahí é verdade, é exacto, disse-o o *Journal de Comercio* de 6 do corrente: «ROMA, 5 DE NOVEMBRO Em conselho de Ministros, hoje afluente, foi resolvido manter-se o imposto actual sobre grãos extrangeiros.» Ah! até porque o Luiz de Castro é italianophobo, ahí está a parte o porque é eu que o não sabia. Agora penso comigo meu Lú, agora penso comigo. Para que esse sacrificio exigem do extrangeiro? E nós é que somos os jacobinos e os salvagens...

Para que? Antes fizessem como aquelles que se casam e obrigam ao seu visitante a entrar só em casa, deixando qualquer arma prohibida escondida atraz da porta, ou a rima, vigiada por um criado esparto.

Antes isso, do que o imposto, o votatorio imposto que italiano... pede, exige e quer... Será medo d'aquelle enigma francez.

J'habit le fond de la mer; entere-moi le qe je peupie l'univerz. Isso vem a ser *coquille*. Tirem o qe e vejam si não povda a terra...

Isso é que o governo italiano teme e não quer. E' isso o nada mais!

JULIÃO VALDEMAR

CONFESSARIO

— Abolida e igno ahí o acto do confissão! Muito bem, minha filha: agora confissão! Cumpridas afinal Belas formalidades do costume. Talvez para aspirar bem o perfume. Caudillo e virginal. Que exalava a formosa paguerucha. O tom do Pedro Zo Tira do halo, o leço do rapé. E tanto para e para. Que se trocou que as vontades casariam, Talvez compare mal. Mas um monte de trompas pareciam! Estrepando uma marcha triumphal!

—Vamos, os sono peçados. Teles espolhadas. Me diga se deseja que eu de prompto a absolva!... —Bohor padre... não sei se deve... A confissão de um peccado dá a terra, livrando abnitiado. A luz do redempção! E' sem fim a clamação do Jesus. O qual morreu na cruz. Para remir o humano peccador... Falso, pois, sua redenção... Quem a aceita. Representa o Becher! Mas... ou... coque!... —Proveja talvez da frosta. Possibilia... é lazo! —Sim senhor... —Isso é grave... Diga agora! Queplanto é que essa frosta lhe impressou? —A arroteo primo... —Isso está visto: O primo que eu não sei quem inventou... O primo é a sorpresa teuladora. Já desia paralis! O caso é grave... é grave a muito valdo. Mas pôdo haver perdido! P'ra casos teus, optou o Evangelho. Penna do Teillo! Mas um venoso mais esse venoso. Que tea dentro do si! Teus cap'raça do peccado, ahí lhe sorri! Tuas depressas um bom contravenoso. Paga esse experiencia... Que tu não trappilla a occasião! Recoba o meu peccado... E agora vá-se em paz... ahí a achritião. Pôdo mandar entrar. Uma outra que se quira continar! SACRAMENTÃO.

Entre o pai e o filho: — Então, comprehende bem o que nós chamamos — responsabilidade, não é assim? — Oh! pois não, papai. Por exemplo, si uma das pernas dos meus suspensorios se partir, a outra é que tem a responsabilidade do minhas calças, não é isso?

A LEI

Ah! cada terra tem um desgraçado que Como toda mullher costuma ter seu fuso! E o uso que pinhou na terra do que falto. Tal grão, talha um si que os susseiti costão! Usava-se fazer as nois do caserio. Um grande sacrificio em honra do favelio Imperador, que fira um pedrego do fôrca! Era lei, era lei o ninguem ha que a torca! Mandava a lei que o marido apenas as casava! A' essa do susseiti era mullher leveando! E deixava-a com elle sua primeira nois! E não fazer assim nenhum mortal so affete! A lei era bem dura, olá! dura demais! Mas o povo era manso e tudo andava am'paz... Certo dia, porém, um talhão campones. Levando a sua bella amada em matrimonio Não quis se sujeitar a imposição da lei. Era demais mandar a pequerucha ao rel... E como não livrava herda unido s'q'ner. Lembrou-se de vestir as roupas da mullher. E ficou a mullher a ser a primeira em todo! E achrona não dá a que lá levea unido... Tempo depois o moço em roda de parentes Contava o caso a rir dos outros imbecis. Que lá tinham folzadas a noiva entregue a bleto. — E a lei? — Que lei, qual nada! A lei era um capricho. —Do rei, que andava a ser a primeira em todo! —Mas, pequerucha, diga-me, o rei não ficou nada. —De ralta ou de terror quando abraçou a ti. —Eh viu que tinha o nivo e não a. —Eh não estava modo... assim que. —Quisera unido em tudo... E' libe. —Não! Divorçada não. Desonraça. —Não vive unido... A lei não volt.

Entre dous camponezes: Oh! compadre, venho pedir-lhe um favor. E' emprestar-me o seu burro para fazer uma viagem, pois o meu está manco ha tres dias. — Compadre, sinto muito não poder servir-o, pois meu sogro levou o burro esta manhã. (Ouvesse dentro zurrar o animal.) — Seja franco; o burro está na estribaria porque o outro surrar, compadre. — O que eu estranho compadre, é que de mais credito a palavra do burro do que a minha. E' por isso que lho não empresto.

NO MOMENTO SOLENE

O Zé Antunes Rapado, Taverneiro intelligente, Foi n'um club o mais votado P'ro cargo de presidente. A tanta prova elevado. De apreço e de sympathia A acelar viu-se obrigado. Já que tanto elle valia. No dia certo escolhido Para a posse emfim tomar, O Antunes de prevenido Não se faz mesmo esperar. A sala repleta estava, Que alegre reunião! E do cargo se empossava Com subida distincção. No momento, grave e erecto. Do discurso começar... De relance olhou p'ro tecto Buscando se recordar. Mas como não se consome Em seguida a todos diz: Antes que apalavrasse tome, Vou pôr rapé no mar!

zor, o que, por sua parte, jantou tão bem como um diplomata; o extravagante Zimrizio, de cabeça de Chimera, cujo olhar diffuso como que procura o infinito e cujo bigode frisado bem como o penucho que lhe pendente entre os dois olhos, parecem ter sido feitos com barba de penna tida feita no forno; o phantastico Zimri não o entande da meema forma, e mostra-se deveras enfadado por taes conversações burguezas. Depois de ladrar furiosamente, salta aos joelhos de Angela, trepanando, e põe-se resolutamente, a acurciar, beijar e lamber com a lingua cor de rosa, a garganta nua da encantadora rapariga. — Ráio! Zimri! exclama indignado José Croix, para trazer o audacioso a males estrictra observação das deixoencias. — Oh! não, deixei-o, diz a mossa Angela tranquillamente accrescenta com degra, mostrando o casito: Este senhor recebe-me, afinal de contas, o lico que n'esta momento — lá dentro da questão!

Um medico é chamado nos triates por ter passado um atteso talso. — Osr. declarou por escripto o homem morreu de uma perosa e afinal elle succumbiu a a sova de pau que lhe deram. — E por ventura sr. juiz uma a de pau não é pernicioso? guntou o medico.

Agilidade

SAVA a soltoçora barozca som o seu primilho amado a vaia, a mais linda, com certiss (que se havia allí localo). Mas um dia de graça a dama cde modo tal, que souz vor, e edes! quealhas aditavelis, ali não pouz dizez sua vortoz mass. souz a dama promptamente a dis. para o par: abnitiado. com franguta, que Lei. observato a minha agilidade? possu-n-lis e rapas no mesmo instante: —Nunca puzal, ou fo garanto, a ti, minha herozca deslombrouse: esse nome livrava lico que vi.

Uma pequenita de tres annos a um balio de crianças em casa de amigos de seu pai. De regresso a casa, conta a estas ultimos um grave episodio da festa: — Estava lá uma menina que cahiu da cadeira abaixo. Todas as outras meninas se puzeram a rir. So eu é que não ri. — E por que não riste como as outras? — Porque fui eu a menina que cahiu.

THEATRO DO RIO NU'

Collecção de monologos, saesnetos, scenas comicas e puestas

A BANHISTA

CANCONETA

Musica de A. Alvaranga

(Uma senhora nova elegantemente vestida em salettes de praia. Ao pé da praia uma medalha.)

Para Casaca ou para Fingira... Vou em saesneto... Um moço a sair de brincadeira...

O que te querias também dançar... Porque é de moda o não dançar... Vou o meu par nunca desatouço...

Sou pelo sport praticado... Monto a cavallo e gulo um trem... Piroas e vinhos na bicycleta...

Uma machi que bom protinho... A tomar té não se não gozou... Tolo se foi um valetinho...

Que sei encetar corroladamente... Diz com raço da minha machi... E de não falar immensa gente...

Em tudo pela face figura... Até recito muito bem... Tuco plano e p'ra placara...

O meu traço é um modelo... A lei p'rae modas sempre dão... Houz aguri o p'ro cabelo...

Já uma vez o meu retrato... Houve um jornal que publicou... Com um a tipo d'um lit'ro...

Quando a sair do p'ra praia... Um pé aqui outro acolá... Nunca lá dá o meu e mais...

(Aos zope tuderes) Que fosses... cor-me tomar banho grande... Grande de ver de mim...

A. ALVARANGA

Loteria Mineira Agave Americano - Prêmios: 400 11, 101 1 201 1 garantidos pela sub-agencia geral...

Fabulas do Rio Nu'

VIII

NOVA MACHINA

Diz a Josephina a quem quizesse... Que amantão o vulto assim ralhoso forte...

Mas, n'isto chega all' bello rapaz... R'ella responde-lhe que tinha dito...

Ninguém deve admitir-se n'isto porque... A quem matto se abatia... não se vê!

RIDENDO...

Um hespanhol, tendo perdido uma vacca... promettera a Santo Antonio que, se a achasse, dar-lhe-ia o seho para velas.

Achou com effeito a vacca, e quando a levava para casa, disse consigo:

— Ora siabó! que yo non d'lo siabó.

N'isto rebeata-se o laço e a vacca foge de novo.

Então o hespanhol exclama:

— Como el santo é deacofinado! yo dice por gracia.

nas paredes do seu quarto, os passaros voitariam na grande floresta de flores...

Mas, no meio d'essa paz profunda, alguma cousa a incommodou e feriu!

— Ah! diz Jocette, a quem nada admira e que se poz a rir também, em que está pensando minha senhora?

— Minha filha, diz a corteza, estou pensando no tempo em que, sentada n'um degrau de pedra...

— Ah! diz Jocette, a quem nada admira e que se poz a rir também, em que está pensando minha senhora?

— Minha filha, diz a corteza, estou pensando no tempo em que, sentada n'um degrau de pedra...

— Ah! diz Jocette, a quem nada admira e que se poz a rir também, em que está pensando minha senhora?

— Minha filha, diz a corteza, estou pensando no tempo em que, sentada n'um degrau de pedra...

NU' e CRU'

N'um estajo de seda primorosa, de esquilato perfumo todo docto, um grão de avareamento e sem resaca...

Elle senta dentro em mira extranho gozo... e vê que o contemplo com anaeio...

É que aliho que agora immoaculado pedaco de papel, onde gravado ou vejo o nome teu, existe a lanteira...

é mais viva lembrança que ainda resta daquella noite esplendida de festa...

Do livro Yranas.

HERMITO LIMA.

Bellissimo soneto. Bellissimo e immorid. Veja o leitor o ultimo verso. Veja o leitor a terceira e a quarta palavra do ultimo verso.

Quem é que... veio? Naturalmente o poeta e a sua amada. Mas isso não é coisa que se confesse assim publicamente.

Não, senhor. Também eu tenho feito aquella mesma coisa que o poeta confessa, tambem eu tenho feito, mas nunca vim contar assim, publicamente, em verso, e, o que é mais, a proposito de um cartão que o poeta diz immoaculado.

O que tem isso com as calças? Esse cartão não pode ser tal immoaculado.

O poeta alem de immorid e mentiroso. Immoaculado? Immoaculado um cartão que lembra aquella coisa tão feia.

Em que nos vimos... Veja o leitor que é forte!... O Rio-Nu não aceitava um tal soneto.

Felizmente o poeta teve a optima idea de escrever por baixo o titulo do livro!

Verrinas! Caranba! De um tal livro esperavamos descompostura a granel, mas finalmente nunca pensamos que viesse pornographia!

Em que nos vimos pela voz primeira. Em que nos vimos... Isto é muito forte. Antes tivemos visto alguma senhora...

PREMIOS DO «RIO NU'»

No nosso penultimo numero foi premiado: no Motte a concurso, GUYRA que obteve o primeiro lugar; na Nossa advinha foi K. C. Poze quem em primeiro lugar consagrou matar todas as questões.

MOTTE A CONCURSO

Continúa aberta esta secção. Daremos em cada numero dois versos que devam ser glossados pelos concorrentes, obtendo, como premio, aquelle que melhor collocação tiver, um volume, a escolha da Collecção Popular Moderna, editada pelo livrario Domingos de Magalhães.

O resultado deste concurso, será sempre publicado com intervalo de um numero, recebendo nós as glossas até o dia da publicação do numero antecedente.

Para o motte: — Eu co'a mulher do Azevedo Juntos os dois rebolamos.

— recebemos as seguintes glossas:

Quanto susto, quanto medo, Quanto dor, quanto tormento, Passamos n'esse momento Eu co'a mulher do Azevedo. Depois... murmuro um segredo; Ella co'a, nós cerramos, Ella deixou-se, deitamos Eu beijei, ella beijando Agarrou-me e soluçando Juntos os dois rebolamos.

GUYRA.

Guardem lá este segredo: Ambos no quarto fechados. Ora em pé, ora deitados Eu co'a mulher do Azevedo. Ella, a principio, por medo Quiz fugir; mas, quando entramos E o reposteiro cerramos, Sentira tanto prazer Quo mesmo sem eu querer Juntos os dois rebolamos.

Dr. T. Z.

D'O Rio-Nu, por brincado, Lendo alguns mottes glossados, Passamos bem bons bocados Eu co'a mulher do Azevedo. E apesar de muito — medo, — Quando a s'a os dois estamos, As charadas deciframos Até chegar o marido, Ou, depois de tudo lido, Juntos os dois rebolamos.

DR. PAN DE GHO

Eu inda me lembro a medo Do que fizemos ha dias, Lá no jardim do Tobias, Eu co'a mulher do Azevedo! Foi debaixo do arvoredo, Em fofa cama de ramos, Que abraçados nos achámos; Ella tinha o que queria E me dava o que eu pedia: Juntos os dois rebolamos!

Como isso foi eu não sei contar Sem que a meus olhos venha o pranto Aqui vos digo com espanto, Que me obrigaram a casar Palavra de honra eu não senti Nem achei tempo perdido Por tres vintens eu conseguí Achar, então, um bom marido! A sorte então, d'estes vai-veus Aqui vos digo com contentamento Casar, só com quem nos pague Com quem nos pague a passagem Com um certo abatimen... to!

PARGACIO

N'um jardim, tenho o segredo Guardado dos meus amores, Allí colhemos as flores Eu co'a mulher do Azevedo Sob o copado arvoredo, E a musica que encontramos, Ao son da qual nós valamos, Foi o ruído da cascata; Ao grito: Quobra mulata! Juntos os dois rebolamos

CAMBIONNE

Do madrugada, inda cedo, Salmos os dois junthos Em t'lo-a-t'lo unidinhos Eu co'a mulher do Azevedo. A sombra d'um arvoredo Sob seus frondozos ramos Com fadiga all' paramos. Mas depois de descansados Na fresca volva deitados Juntos os dois rebolamos.

A. A. NATICO

Para o proximo numero oferecemos o seguinte motte: Subi muito além da liga Vi-lhe na coxa um signal.

As glossas devem vir em duas, escriptas só de um lado.

Nó recebemos até sabendo as glossas d'este motte. As que nós chegarem depois, serão inutilizadas.

Modinhas Brazilciras

Tomci um bond de Santa Theresa P'ra desembarcar lá no Silvestre Quo linda que era a natureza Para um passeio assim campestre E logo veio o conductor Para me cobrar mui ligeiro Eu vou pagar-lho, mas que horror Tinha esse odio e moa, dinheiro...!

Um rapaz, bem elegante Que ha tambem do vingem Pormitta-me, disse-me em tom Disse-me em tom bem elegante Que eu lhe pague a jassa... gem!

Depois chegando-se para mim Aproveitando aquella vasa E eu te um modo acanhado Que não ha quem não reprove E lá na rua do Senado Numero, sessenta e no... ve! Não é preciso corar Me torna elle, com coragem Pergunto só para amanhá, Para amanhá eu ir cobrar O preço da passa... gem! Quando ello foi no outro dia O seu dinheiro rehyver Pareceu-me antes que elle ia A sorte grande receber, E disse com contentamento Com ar alegre e aguerrido, No preço faz attentamento O conductor, que é conhecido, A sorte tem, d'estos vai-veus P'ra proteger a malandragem Tom que me dar só tres vintens Tem que me dar só tres vintens Quo foi o preço da passagem!...

Como isso foi eu não sei contar Sem que a meus olhos venha o pranto Aqui vos digo com espanto, Que me obrigaram a casar Palavra de honra eu não senti Nem achei tempo perdido Por tres vintens eu conseguí Achar, então, um bom marido! A sorte então, d'estes vai-veus Aqui vos digo com contentamento Casar, só com quem nos pague Com quem nos pague a passagem Com um certo abatimen... to!

Nossa adivinha

• Honey with molasses

CHARADAS A VAPOR

A Senhora vista de um lado
E' o terror do homem casado 1-2
T'arronego, cara do pego,
Ao invéz, sou cidade gregu. — 2

E. RABIAN.

CHARADAS ANTIGAS

Tem a pelle no redondo
Onde o pé vai a valer — 2
Os antigos costumavam
Certa medida obter — 2

Si queres isto provar
Te custará muito pouco,
Fica sabendo que é feito
Com muito assucar e coco.

FREI LARIÇA.

— Bolnal isto agora é pata — 2
Eu lá posso acreditar...
Pois minha irmã que é donzella
Suja p'ra depois lavar ? 1-2

Isto me disse a Miloca,
Mulatilha de caroca,
Arrancando, furiosa,
O anfeite do pescoco.

— Meinha, não vas p'ra lá — 1
Pois temos que conversar,
Já tenho o membro lavado — 1
Para a tal te sujeitar.

PIPAROTS.

A Rita nunca foi boa — 1
Para o membro bem mexer, — 1
Oh ! que coisa tão gostosa,
Como é bom p'ra se comer.

K. H. I.

VERSOS A CONCLUIR

Ril-a no seu jardim
Agitando o corpo ameno,
Que pulidez de marfim
Que lindo rosto moreno.

E, o seu pêsinho pequeno
E' perfumoso jasmim
E, o seu casto olhar sereno
Não ha no mundo outro assim

Mas certa rosa brejeira
Declarar-se mais formosa
Talvez p'ra puzar questões

Foi castigada a roseira
Pois arrancando-a ; raiuosa
Ella pisou nos...

CAMBRONS.

CHARADA SEM NUMERO

O meu corpo é bem roliço,
Fino ou grosso pôde ser,
Sem barba e que eu nunca sou,
Preta ou não, barba eu hei de ter

No tamanho não regulo
Tambem não faço questão,
Pois muita moça solteira,
Kim mim tambem põe a mão.

Ha de muitas qualidades,
Isto é cousa bem notavel;
Muitos gostam mais da preta,
Por ser ella a mais duravel.

Nada mais posso dizer,
Pois isto bem claro está ;
Procura-me em tua casa
Que lá tu has de me achar.

LAMUS & SOCA.

CARADAS NOVISSIMA

Na barraca da Liberata eu vi
entrar um bicho — 1-2.

No redondo do Fortunato entro
direito — 1-1.

No olho d'esta mulher idosa
encontra-se um animal — 1-2.

Precisas da greta d'esta mulher
para comer — 1-1.

No rabo da colher desceunça
um animal astucioso — 1-2.

Este homem e esta mulher fa-
bricam outra mulher — 2-2.

C. BENTO.

E' terrivel em negocio de bu-
raco este homem. — 1-1-1

A. D.

A prima do Pacheco guarda
dentro a bordo — 1-2.

K. BLUDOS.

A prima do Theodoro faz de
noite menina — 1-2.

ALAGODAS.

No corpe da mulata de João ha
um bicho molle — 2-1-1.

SOCRA & COMP.

LOGOGRIPO

Ne molta no lado d'ella lhe atagando — 1-1-2-1
De leve a mão cozava pela perna. — 14-15-18
24-25-30-31-16-17-21
Aus beijos os labios virgens lhe chupando — 19
9-14-5
Pingava o othor da doçola eterna. — 11-5-1
6-17-22

Elle arrojante a tela entrecortando — 2-4
24-25
Disse : spague meu bom, esta lenteira — 24-25
Depressa, ramos, que já estão cobrindo... — 25-28-3-18
Dai-me o pressor que no te avari eterna — 1-1-24
3-1-20-21-8-4-20-11.

Depois elle censuro diz : não cobra
Deixa, mas bem, que eu veja a mancha rubra
— 19-23-28-21-7-15
D'aquillo que se paria uma ad ver...

Pois bem, letter, não ha melhor secreto
Si achar quizeras sem dano o peito
Do que fazer no Rio Nu o que este fus

DOHAM.

Só recebemos as de-
cifrações deste nume-
ronté subbado Serão
inutilizadas as que nos
chegarem depois.

QUEBRA CABEÇAS



806 -- 235



av — gm



532 -- 603



Anda por cima e por baixo
Não morde nem é mordido
Tem roda mas não tem papo
Não e tolo nem sabido

UM HOMEM NU

TRADUÇÃO DE Vaz Simão

(Continuação)

Aquella mulher sensível, fraca
e pura atirou-se sobre a cama e
escondendo a cabeça entre as fo-
fas almofadas ficou largo tempo
martyrizando o formoso rosto,
não podendo tranquilisar nem
seus sentidos nem o seu espirito,
lactando contra mil idéas ex-
tranhas e sentindo contra aquell-
le homem que de tal modo a im-
pressionava uma terrivel e surda
irritação.

Por fim o seo orgulho de mu-
lher honesta revoltou-se.
— Mas estou louca — disse — para
preocupar-me a este ponto por
um homem qualquer, por um mo-
delo, cujos serviços vou pagar
como poderia pagar o aluguel de
um laccio ?
Depois do almoço teve que in-
ventar uma complicada farsa para
proporcionar ao seo prisioneiro o
alimento necessario.

Isto a distrahiu
Alberto comeu com excellentes
appetito e achou um prazer e uma
perversa diversão em multiplicar
as occasiões de se fazer servir
pela amavel senhora.
N'aquelle almoço e a despeito
de sua resolução, a formosa Clara
teve occasião de admirar a deli-
cadeza de maneiras e a fina edu-
cação do interessante cego.
A tal ponto teve que render-se
à evidencia e de moito tal o joven
a subjugou que, a pesar seo, de-
pois de uma hora de conversação
tinha-se estabelecido entre ambos
uma irresistivel corrente de ca-
rinhosa sympathia.

Ao chegar a hora do trabalho
Clara sentio-se ainda mais agita-
da do que pela manhã. Em vão
dizia a si mesma que aquelle te-
mor era absurdo e que as suas
vacillações podiam fazer crer ao
modelo alguma cousa pouco hon-
reira a fallar.
Alberto, que adivinhara perfei-
tamente a lucta que a jovem in-
teriormente sustentava veio cari-
nhosamente em seo socorro.
— Quer que comecemos o nos-
so trabalho ?
Clara sentio-se accommettida
de um pequeno ataque de tosse, o
sangue subio-lhe á garganta e
não respondeu.

O pintor respeitou o seo silen-
cio e accrescentou :
— Vou despir-me.
Clara estremeceu dos pés á ca-
beça e seus dedos deixaram esca-
par um lapis com que, havia tem-
po já, brincava nervosamente. Com
a voz oppressa murmurou debili-
mente :
— Preparei uma faixa larga,
de linho... está ahí no divan...
perto do senhor...
— Sim, já a tenho.
— E'... penso que sabe o em-
prego dessa faixa...
— Oh ! Sim, senhora !
— E que saberá collocar a só-
sinho...
— Naturalmente !... Tenho
servido de modelo para varios
Christos e sei perfeitamente o uso
e a collocção da faixa... Em mes-
mo a collocarei.
— Isto é, senhor... como para
um Christo...
— Em todo o caso, ajuntou Al-
berto, pode a senhora corrigir as
pregas...
— Oh ! não, não !... E uma
onda de carmim invadiu o rosto
da moça, que não pôde continuar.
Alberto começou a despir-se
com a maior decisão.
Clara cobrio o rosto com as
mãos e sentou-se num bauto do
divan, incapaz de fazer um movi-
mento ou afistar-se d'alli.

Em poucos instantes Alberto
desfez-se das roupas e cingiu li-
geiramente a larga faixa de bran-
co linho.
Preciso é confessar, apesar de
estar em tolo o esplendor da ju-
ventude e de ser uma bella fi-
gura, de que nada se poderia di-
zer, sentio-se Alberto por sua vez,
confuso e como que envergo-
lhado de apresentar-se de tal
modo diante d'aquella formosa
mulher.
De pé, rígido, immovel, press
de violenta agitação, largo tempo
ficou antes de chamar a atten-
ção de Clara sobre a sua pessoa.
Afinal, com voz apenas percep-
tivel atreveu-se a murmurar :
— Quando queira, minha se-
nhora.
— Ah ! exclamou a jovem le-
vantando-se.
E retirando as mãos do rosto
fixou os formosos olhos na ex-
tendida nudez do seu modelo.
E succedeu uma cousa singu-
lar. Inuvadida de repente por uma
commoção extraordinaria, Clara
empallidaceu intensamente, sus-
pendeu-se a sua agitada respi-
ração, agitaram-se-lhe as pal-
pebras com vertiginosa rapidez e
dando um ai oppresso cahiu des-
maiada sobre o divan.

Alberto correu em seu soc-
corro e reclinou-a em seus bra-
ços.
A jovem recuperou immidia-
tamente os sentidos.
Ao abrir os olhos encontrou-se
com o rosto apoiado contra o
peito nã do joven, que a collo-
coun cuidadosamente no divan.
Ao contacto d'aquella carne
que lhe queimava as faces Clara
sentio um tremendo choque, que
a fez tornar a si no mesmo ins-
tante.
Deu um grito feroz, e com um
movimento rapido, nervoso, poz-
se do pé.
— Compreendi pelo ruído da
queda que a senhora havia des-
maiado e me apressurei a... bal-
buccion Alberto.
— Bem, sim, basta, já ! Foi
um deliquio passageiro... Está
tudo acabado.
Preso de violenta agitação, deu
alguns passos pelo atelier e, de-
tendo-se diante do cavallete e
lançando ao joven um olhar
cheio de colera e irritação, mur-
murou com voz secca e breve :
— Comecemos.
Dez dias se passavam já desde
que a formosa clara começou a
trabalhar em seu S. Sebastião.
Não deixou de pintar nem um
só dia.

(Continúa.)

PORTARIA

A'cuellas pessoa que nos di-
lingua em com sua collaboraço,
fazemos notar outra vez que só
no m'bre o que tiver malicia sem
obediência. Não publicamos pseud-
onymos immorties.

As columnas do nosso jornal
são o tr'zinto, fracas; mas d'en-
tre a collaboraço que nos for
enviada, reservamo-nos o direito
de fazer a nossa escolha.

A todos quantos queiram fazer
qualquer reclamaço pedimos o
especial obsequio de vir ao nosso
escriptorio; pois que é para nós
completamente impossivel res-
ponder á grande quantidade de
cartas recebidas.

Expediente

As pessoas, que, do
interior, queiram ser
assignantes do «Rio
Nu», devem remetter,
em vale postal, a esta
redacção, a importan-
cia das assignaturas,
com os respectivos en-
dereços.

Approximando-se a época
da reforma de assignaturas,
temos o prazer de commu-
nicar aos nossos assignantes
e leitores, que encomenda-
mos á casa Wedells & C., de
Hamburgo, a confecção de
elegantes carteirinhas que
distribuiremos como

PREMIO DO RIO NU

Além desse premio temos
mais uma variada collecção
de romances e obras littera-
rias, com que brindaremos
aos nossos assignantes nas se-
guintes

CONDICÇÕES:

Aos assignantes de anno,
uma carteira e um livro á
escolha.

Aos assignantes de seme-
stre um livro á escolha.

São estes os livros que des-
tinarão aos nossos assign-
nantes:

PAULA LUIZA.— O Necro-
terio.

A. RAPOS.— Neurose Mys-
tica.

DELIA.— Celeste.

A. CAMINHA.— No Pais dos
Yankées.

CRUZ É SOUZA.— Bro-
yuesis.

V. DE CASTRO.— Diario
de um solteirão.

L. ROSA.— Imagens e Vi-
sões.

V. VARZEA.— Rose Castle.

PAULO DE KOCK.— Gustavo
o Estroina.

JULIO MARY.— Paixão e
Odio.

PAULO DE KOCK.— A meni-
na das tres saias,

H. F. ESCRICH.— A Visinha
do Poeta.

PAULO FEVAL.— A Cre-
oula.

ANSELMO RIBAS.— A Seara
de Ruth.

PAULO DE KOCK.— A Dama
dos tres espartilhos.

ALEXANDRE DUMAS.— Vin-
gança Corsa.

ARTHUR AZEVEDO.— A Ca-
pital Federal.

PAULO DE KOCK.— A Pro-
cura de noiva.

AGENTES DO «RIO NU»

Não temos agências, encarregadas
de vender avulsas, annuncios e assignaturas os av-

- Blanc & C.—Bello Horizonte
Magalhães & C.—Bacios
A. Guimarães—B. Paulo
Mariano Guimarães—Ouro Preto
Gonçalves & Mattel—Campanas
M. H. de Teixeira—Lafayette
Justinico José de Silveira—S. João Ne-
pocenas.

Edmundo Almeida—Estação de Piquetras
João Gomes França—Estação de Sta.
Elena

Luis Caranta—Estação de Bocayo
Antonio Fernandes Filho—Abadia de Pi-
larçuy

Francisco Serra—Bos Famílias de Maricá
Antonio José de Carvalho Amarente—
Bos Antonio do Avontarado.

Antonio Pereira Mendes—Macuco
José H. de Mello—Cidade de Oliveira
Francisco Ribeiro—Estação de Carlos Go-
mas.

Francisco Pereira Silva—Estação de Co-
nel. An
Antonio José Teixeira—Porto Novo de
Cunha

Antonio Argêlo Soares—Descealrado
Joachim de B. Soares—Jardineopolite
José B. Carvalho—Silveiras
Olympio Gomes Almeida—Estação de Man-
gualmas

Antonio Lopes de Faria—Ponte Nova
Fernando Torresão—Ilhabela de Mato Dentro
Manoel Soares Costa—Ubatuba
Bergio Silva—Visconde do Rio Claro.

José Augusto Schmitts—Magy-mirim.
Luis Ferreira do Amaral—Amarapura.
Silva Telesjobero—Rio Branco.

Luis Teixeira Junior—Itapocricas
T. Bequerra Junior—Magy.
Benedito Gervasio Marinho—Estação de
Cerejilho.

Luis Ernesto Miroglio—Santo Antonio de
Silveira.

Osar Santos—Kapitão Mano do Pitáhal.
Kilas Pacheco—Meteiros.
Custodio José de S. Martins—Bonfim de
Queijos.

José Estevão da Costa.—Pirassununga.
Benedito A. Ferreira—Itanhém.
Antonio de Sá Carvalho—Macacá.

Francisco Mathias da Costa Ferreira—Uba-
tuba.
Virgilio de Moraes—Taubaté

Horival Lebo—S. José d'Além Parahyba
Antonio da Avila P. Soares—Bacile An-
tonio de Jacutinga.

Luis Caranta de B. Silveira—Ret. de Bo-
shado.

Antonio José Godinho—Lapa—Paraná.
José Hernandez Rangel—S. José do Paraíso

Antonio Basílio Pereira—Bant'Anna do
Pirapetinga
José Soares Junior—Castêlo
Manoel Alves Correa Valente—Ret. Aurora
Merlino José Pereira—H. Sebastião dos
T. J. J. J.

Antonio Basno—Conceição do Rio Verde.
John da Costa Pol.—Est. de Espora
Ignacio Pontes Ilanillo—Pogos de Caldas
Cavoniro José de Carvalho—Farnathyla—
Planhy.

Hermann Christovam Dutra—Pirapetinga do
Machucado.
Hermogenildo de Paula Vieira—S. Sebastião
do Paraíso.

João Correa Netto Junior—Vermelho Novo.
Francisco Moreira Irazua—Conceição de
Bacora.

Carlos Terra Pereira—Estação de Poço
Longo.
Gustavo Vianer—Santa Maria-Rio Gra-
nde do Sul.

João da Silva Quadros—S. Sebastião do
Esmeraldino.
Jeronymo Martins de Andrade—R. José
do Tibico.

Gabriel Boteta—Ilhabela P'rio
José Lopes de Araujo—Papagaio do
Carvalho.

João Baptista de Souza Formiga.
José Luis de Oliveira Bom Sucesso do
Sebastianas.

Victor Antonio Modesto—S. Miguel do
Veríssimo.
Tito Evangelista Marques Guimarães—São
João do Morro Grande.

Arthur Bonkers & C.—Campos.
Cezario Fomdonio de Sousa—Arua-De-
la

João Augusto Leysa—Itatunas.
A. Napoleão Prates—S. Miguel do Jogi-
vitonha.

Pedro Alves Louzada—Est. de Scheid
J. de Costa Lima—Bambury.
J. Caudio de Souza—Sta. Cruz das
Palmeiras.

Fernando Antunes.—Cidade do Pomba.

ANNUNCIOS

CAFÉ JEREMIAS

Deposito e fabrica deste especial
café moído

216 RUA SENADOR EUZEBIO 216
Esquina da do Visconde de Sepetiba

BOTEQUIM JEREMIAS

GONORRHÉAS

Flôres brancas (Hecorrobéa)

Cura-se radicalmente em poucos dias, com
o Xarope e as pilulas de matico
ferruginoso, approvadas pela Real. Jun-
ta hygienica, unicos remedios que, pela sua
compositão innocua e racionalissima,
podem ser empregados sem o menor receio.
Vendem-se unicamente na Pharmacia
Bragantina, rua de Uruguaiana 108.

Modinhas a 200 réis — Fecunia,
Quil dobrete rarr-in da memoria, A ficlante,
San Anataqui, Sandufo de leite, Caxito de
esano, O Vagabundo, Ao Inar, Landá da Ma-
requinha. Quando seu bom vai-se embora, Viste
o lyric da estúpida, Coração para alogar, João
bom meu more longo, Serenata, Um moço de
pau, O angustio das passagens na Estrada de
ferro, Itebela, Al moe hum se eu in não amo,
Dobro e mar de tarso amor, Ohi mulher não
sorries, não choras, A prizoosa do Imperio chi-
lense, Desprelo, Penção, He para amar-in fer-
miliar martyrio, Três cilios azuis, Miniatlone
do carapo, Talira não orias, o Desprezo, Chi-
quitos, se eu te pedimo o Nourimento, A
Vista é um sonho Talira não orias e O
Rio do Hortanço; á venda no escriptorio
desta folha.

Canções a 200 réis — A Missa
Campal, Do Morro Indo, A vir a vir, Assim...
O Fio Frouso, As minhas colligas,
O moço amigo Bonas, Os P'zinhos, Brincos-
dadas, De eu fazer rapas, Hum se eu não estis;
á venda no escriptorio desta folha.

Modinhas a 200 réis — Os Cam-
arões, O Bandante Alasiano, Jago Novo, De-
sculdas, Os proverbios, Coração no mar, A
Terra das Maravilhas, No moço; Coração no
mar, No saba, minha senhora? O moço surta.
Um proverbio dimentido á venda no escrip-
torio desta folha.

Romances a dez tostões — PAULO
DE KOCK— Gustavo, o Bairoa, A Dama dos
Tros Repartilhos, A Minha das Tros Balas.—
A' procura de minha ANSELMO RIBAS.—
A Seara de Ruth.— PAULO FEVAL.— Cru-
zula. JULIO MARY.— Paixão e Odio. H. F.
ESCRICH.— A Visinha do Poeta; á venda
no escriptorio desta folha.

O RIO NU'

No escriptorio desta folha com-
pram-se os ns. 2 e 4 a 100
réis e 8 e 12 a 300 réis,
o exemplar.

BICYCLETES

Faz qualquer concerto com
promptidão, barato. Chegou um
grande sortimento de accessorios
para diversas bicyclettes. Esmal-
tadas de diversas cores, garantindo
se ser o mesmo que é da Europa

Tambem bicycletas novas e
pouco usadas, compram-se e ven-
dem-se.

ALBERTO C. KING & C.

190 Rua da Alfandega 190

CONTOS PARA VELHOS

BOB

UM ELEGANTE VOLUME

CAPA ILLUSTRADA

2000

A' VENDA NO ESCRIPTORIO DESTA FOLHA

Remette-se para
o interior livre de
porte.

THEATRO VARIEDADES

Tendo de se proceder á reforma
do panno-annuncio do theatro Varie-
dades, communicamos a os senhores an-
nunciantes que recebem-se desde já
pedidos de espaços, por obsequio, na
redacção deste jornal.